MUNICÍPIO DE SANTOS

PREFEITURA DE SANTOS

Secretaria de Educação

Santos
Cidade Educadora

Santos

Vivenciando a História - Currículo Santista

Militão Augusto de Azevedo. Cidade de Santos tirada da Ilha de Barnabé, 1862.
Instituto Moreira Salles

Anos Finais - 8º ano - Material do professor

edição especial

Seduc/Deped/COFORM/COPED

Seform/Senutec

2020

Caro(a) professor(a),

O material pedagógico *Vivenciando a História de Santos* tem a finalidade de colaborar com as ações desenvolvidas em tempos de ensino remoto.

Nesse sentido, ofertamos propostas específicas sobre a História do nosso município, por presumirmos a carência de um material que lhe dê suporte, sendo seu uso facultativo.

Na elaboração do Currículo Santista, de acordo com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular(BNCC), a história local e regional torna-se um ponto imprescindível:

> ...faz-se necessário o desenvolvimento das habilidades voltadas para identificação, classificação, organização e comparação, em contexto local ou global, pois é importante para a melhor compreensão de si, do outro, da escola, da comunidade, do Estado, do país e do mundo. Dá-se, assim, um passo importante para a responsabilização do cidadão para com o mundo em que vive(BNCC, 2019, p. 356).

Acreditamos que a cidadania e sua formação estão diretamente atreladas ao mundo que nos cerca e à nossa capacidade de nos sentirmos pertencentes a um local. Conhecer a história da cidade - as transformações e permanências ao longo do tempo - é condição básica para nos fazer sujeitos da nossa própria história.

Assim, o estudo da História local é uma alternativa frente a uma história conteudista, tradicional e não significativa, pois possibilita a superação de dogmas e parte da problematização do que está próximo, do que é familiar e natural aos alunos (BITTENCOURT, 2004, p. 121).

Neste material você encontrará, portanto, atividades construídas visando ao desenvolvimento de uma "atitude historiadora" pelos estudantes, conforme preconizado pela BNCC. Desse modo, poderemos partir de questões do presente e utilizar diferentes fontes escritas, iconográficas, materiais e imateriais.

Um dos objetivos da disciplina História é encorajar a autonomia do pensamento e a capacidade de reconhecer que os indivíduos agem de acordo com a época e o lugar em que vivem, de forma a preservar ou transformar seus hábitos e condutas (BRASIL, 2017c, p. 350).

Pretendemos, então, que nossos estudantes se apropriem da História de Santos e região, relacionando presente e passado, para se tornarem seres críticos, atuantes e transformadores do mundo que habitam.

José Bonifácio: patriarca da Independência?

UNIDADE TEMÁTICA
Os processos de independência nas Américas.
OBJETO DE CONHECIMENTO
Independência dos Estados Unidos da América.
Independências na América espanhola.

- A revolução dos escravizados em São Domingo e seus múltiplos significados e desdobramentos: o caso do Haiti
- Os caminhos até a independência do Brasil

HABILIDADE
(EF08HI08B) Analisar criticamente o papel dos Irmãos Andradas no processo de independência do Brasil, identificando os monumentos de exaltação à memória dos mesmos na cidade de Santos.

Gabarito

Atividade 1.

1.
A.UME José Bonifácio, em Santos.
B.UME dos Andradas II, em Santos.
C.Praça Patriarca José Bonifácio, em Santos.

2.
José Bonifácio de Andrada e Silva, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva e de Martim Francisco Ribeiro de Andrada, também conhecidos como os irmãos Andrada.

3.
Espera-se que os estudantes levantem hipóteses. Por exemplo: os personagens em questão foram importantes para a história do Brasil e são homenageados. Há outras respostas possíveis. A ideia é que comecem a pensar sobre a preservação da memória.

PROFESSOR: *grande parte do que foi produzido a respeito da vida de José Bonifácio não questionou a narrativa heroica de sua trajetória, construída no período pós-independência e, principalmente, a partir da Primeira República, durante o primeiro centenário da Independência. Nesse período, a visão heroica acerca de José Bonifácio foi cristalizada pela historiografia e pelos monumentos erguidos em sua memória. O objetivo da atividade não é defender uma ou outra tese a respeito*

desse personagem, mas oportunizar aos estudantes o contato com o debate historiográfico, percebendo que o conhecimento histórico não é o reflexo de uma verdade única e absoluta diretamente "extraída" das fontes, mas é fruto de debates atravessados por diferentes intencionalidades políticas, concepções teóricas e metodológicas, documentações consultadas, entre outros aspectos. Assim, o conhecimento histórico e a noção de "verdade" nesse campo do saber não são dados prontos e acabados, mas estão em permanente construção.

Atividade 2.

Os estudantes deverão pesquisar em pelo menos duas fontes diferentes e produzir uma biografia. Nas atividades seguintes, terão a oportunidade de comparar o próprio texto com outras informações e problematizar os pressupostos que tornaram Bonifácio o "Patriarca da Independência" e "Herói da Pátria", percebendo-o como homem de contradições e compreendendo as intencionalidades políticas por trás da manutenção dessa memória sobre ele. Quer dizer, por que ele é lembrado dessa maneira específica e não de outra? A quais propósitos isso pode servir?

PROFESSOR: *você pode transformar as perguntas das próximas atividades em um Google Formulário. Essa ferramenta permite criar questões de múltipla escolha, questões discursivas, avaliações em escala numérica, entre outras opções. Pode ser uma alternativa interessante ao uso dos cadernos, especialmente durante o ensino remoto. Além disso, a ferramenta facilitará o envio das tarefas e pode motivar os estudantes a realizá-la.*

Atividade 3.

a. Entre várias possibilidades, há alguns pontos que podem ser levantados na comparação: a historiadora busca desconstruir a visão heroica em torno de José Bonifácio e apresentá-lo como um homem de carne e osso, com defeitos e contradições. Bonifácio não era grande expoente da ciência e poliglota como defenderam muitos biógrafos; o próprio José Bonifácio está na origem da ideia de que ele foi o "Patriarca da Independência", concepção que foi difundida por seu próprio jornal e retomada em 1922, durante o centenário da Independência para, em seguida, ser defendida pelos historiadores daquele período.

b. Espera-se que os estudantes compreendam que a historiadora afirma que o próprio José Bonifácio difundiu a ideia de que ele

era o Patriarca da Independência, principalmente por meio do jornal *O Tamoyo*, que pertencia à sua família.

c. De acordo com a entrevista, a tese de que Bonifácio teria sido o "Patriarca da Independência", que surgiu ainda na primeira metade do século XIX, foi revisitada durante o primeiro centenário da Independência e difundida por historiadores e biógrafos do personagem santista.

Atividade 4.

Texto 1.

a. Bonifácio comparava a escravidão a um câncer, um grande mal ao país.

b. Ele propunha abolir a escravidão de maneira gradual e, durante esse processo, criar medidas para melhorar as condições de vida dos cativos e amenizar seu sofrimento.

Texto 2.

a. Ele era favorável à integração dessas populações.

b. Ele acreditava que essa integração se daria por meio da miscigenação entre brancos, negros e indígenas, possibilitando o surgimento de uma nova raça e a criação de uma cultura comum, na qual deveria prevalecer a cultura dos brancos.

c. Não. Para Bonifácio, as culturas das populações negra e indígena não eram civilizadas e, por essa razão, seriam inferiores à cultura dos brancos. Por isso ele defendia que essas populações deveriam ser catequizadas, civilizadas, aculturadas. A cultura da nação brasileira deveria ser a cultura do homem branco.

Atividade 5.

PROFESSOR: *você pode usar o Padlet para que os estudantes compartilhem as informações e imagens pesquisadas. Acesse o tutorial no espaço Conect@ Educador, do Centro Virtual Darcy Ribeiro, para saber como usar o Padlet. Trata-se de uma ferramenta on-line que permite a criação de um mural virtual dinâmico e interativo para registrar, guardar e partilhar conteúdos como textos, imagens, vídeos e hiperlinks. Tanto os professores quanto os estudantes podem acessar e interagir com tudo o que for postado. Entre outras coisas, o Padlet possibilita*

o intercâmbio de informações e a discussão sobre os podcasts produzidos, podendo potencializar e dinamizar as suas aulas.

Monumento aos Andradas

a. Praça da Independência, no bairro do Gonzaga em Santos.
b. O monumento foi inaugurado em 7 de setembro de 1922, em comemoração ao centenário da Independência do Brasil.

Pantheon dos Andradas

a. Localizado na antiga portaria do Convento do Carmo, na Praça Barão do Rio Branco, Centro de Santos.
b. O monumento foi inaugurado em 7 de setembro de 1923.

Palácio José Bonifácio

a. Localizado na Praça Mauá, no Centro de Santos.
b. Inaugurado em janeiro de 1939.

c. O Monumento aos Andradas e o Pantheon dos Andradas foram construídos durante a Primeira República, no contexto das celebrações dos cem anos da Independência do País. O Palácio José Bonifácio foi construído alguns anos depois, em 1939, e é a sede da Prefeitura Municipal de Santos, cidade onde Bonifácio nasceu. Esses monumentos e patrimônios arquitetônicos pretendiam preservar a memória de José Bonifácio como o grande arquiteto do processo de Independência do país e figura relevante na política do Primeiro Império. Segundo esses registros, o brasileiro José Bonifácio teria sido o responsável por conquistar a adesão do português Pedro de Alcântara, Príncipe Regente, para a causa da Independência quando a Corte portuguesa havia determinado que ele retornasse a Portugal.

d. Para fotografias e mais informações, consultar o Material de Apoio, disponível a seguir.

Material de Apoio

O nome de José Bonifácio de Andrada e Silva está presente no cotidiano da nossa cidade em diversos espaços e prédios públicos, como a Rua José Bonifácio, a Praça José Bonifácio, a Praça dos Andradas, o Palácio José Bonifácio - atual sede da Prefeitura de Santos - e as Unidades Municipais de Educação (UMEs) José Bonifácio, Dos Andradas e Dos Andradas II.

Praça Patriarca José Bonifácio (Centro, Santos - SP) Fonte: Juicy Santos.

Detalhe do monumento erguido na Praça Patriarca José Bonifácio (Centro, Santos - SP) Fonte: Juicy Santos.

A *Praça José Bonifácio*, no Centro de Santos, recebeu esse nome, em 1887, por iniciativa de vereadores da Câmara Municipal. Mas, ao contrário de outros lugares da cidade, ela não abriga um monumento em memória a José Bonifácio. Até meados do século XX, havia um coreto no local, onde aconteciam periodicamente eventos culturais destinados à população. Em 1956, o coreto deu lugar ao *Monumento em Memória ao Soldado Constitucionalista* de São Paulo, uma homenagem aos que lutaram no Movimento Constitucionalista de 1932. A partir de 1961, a praça passa a ser chamada de *Praça Patriarca José Bonifácio*.

Mas, afinal, quem foi José Bonifácio? Ele foi considerado patriarca do que e por qual motivo? Você conhece os monumentos que valorizam a memória de José Bonifácio em Santos?

Biografia

José Bonifácio de Andrada e Silva, conhecido como "Patriarca da Independência", foi um naturalista e estadista brasileiro que teve forte influência política nos primeiros anos do Brasil Império. Ele ocupou o cargo de ministro, além de ter sido constituinte e tutor de dom Pedro II. Foi um político conservador, apesar de seu importante papel no movimento pela Independência do Brasil e de sua posição favorável à abolição lenta e gradual da escravidão.

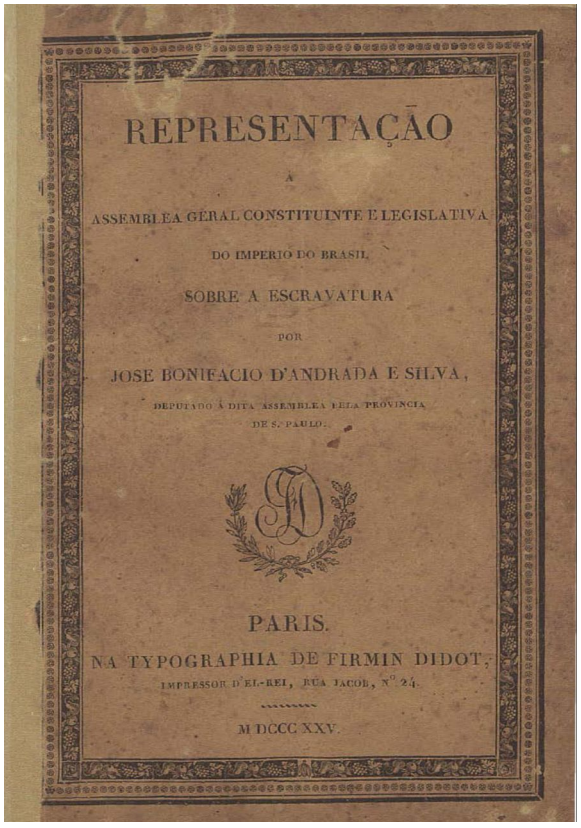
José Bonifácio nasceu em Santos, no dia 13 de junho de 1763 e foi estudar em Portugal aos 20 anos. Ele cursou Ciências Naturais e Direito em Coimbra, destacando-se como geólogo. Financiado pela corte portuguesa, viajou durante mais de dez anos pela Europa, período no qual esteve em Paris logo após a Revolução Francesa e entrou em contato com conhecimentos em diversas áreas, principalmente em mineralogia. As viagens e o conhecimento deram a Bonifácio uma visão mais aberta e global. Aos 37 anos, era um cientista consagrado. De volta à Universidade de Coimbra, deu aulas de metalurgia, em um cargo criado especialmente para ele. Por ocasião das invasões francesas em 1808, integrou o Corpo Voluntário Acadêmico, formado por estudantes e professores de Coimbra empenhados na luta contra Napoleão. Após a expulsão dos franceses, Bonifácio foi chefe da polícia da cidade do Porto.

Em 1819, aos 56 anos, retornou ao Brasil, onde a corte portuguesa estava instalada desde 1808. Logo se engajou na luta pela autonomia da colônia. Em 24 de dezembro de 1821, quando a corte determinou que o príncipe regente Pedro de Alcântara retornasse a Portugal, José Bonifácio escreveu-lhe uma carta pedindo que ficasse no Brasil. Certamente, por influência de José Bonifácio, o príncipe aderiu ao movimento pela independência, quando se tornaria dom Pedro I. José Bonifácio foi nomeado ministro do Reino e dos Negócios Estrangeiros em janeiro de 1822. Apesar da alcunha de "Patriarca da Independência", defendeu a integridade do Reino Unido numa monarquia dual, posição compartilhada por grandes proprietários de terras, traficantes de escravos e funcionários administrativos. Em contato com as ideias que circulavam a partir da Europa, Bonifácio era contrário aos privilégios do Antigo Regime, à escravidão e ao poder absoluto dos monarcas. Mas, do mesmo modo, contrapunha-se à democracia e à revolução.

Proclamada a Independência, José Bonifácio organizou a repressão contra aqueles que resistiam à separação do Brasil. Como ministro, implantou uma política centralizadora que lhe trouxe muitos inimigos. Acabou rompendo com o imperador e foi demitido do cargo em 1823. Na oposição, ele e seus irmãos Antônio Carlos e Martim Francisco passaram a combater o governo de dom Pedro I na Assembleia e no jornal *O Tamoyo*, que fundaram em agosto de 1823.

Os três acabaram exilados na França por seis anos após a dissolução da Assembleia Constituinte por dom Pedro I, em 1823. De volta ao Brasil, José Bonifácio reconciliou-se com o imperador. Em 1831, ao abdicar do trono brasileiro e retornar a Portugal, dom Pedro I escolheu José Bonifácio como tutor de seu filho, o futuro dom Pedro II. Ele permaneceu no cargo até 1833, quando foi demitido pelo governo da Regência. José Bonifácio de Andrada e Silva morreu aos 75 anos, em uma modesta casa em Niterói, no dia 6 de abril de 1838.

José Bonifácio e a escravidão no Brasil



REPRESENTAÇÃO

A

ASSEMBLEA GERAL CONSTITUINTE E LEGISLATIVA

DO IMPERIO DO BRASIL

SOBRE A ESCRAVATURA

POR

JOSE BONIFACIO D'ANDRADA E SILVA,

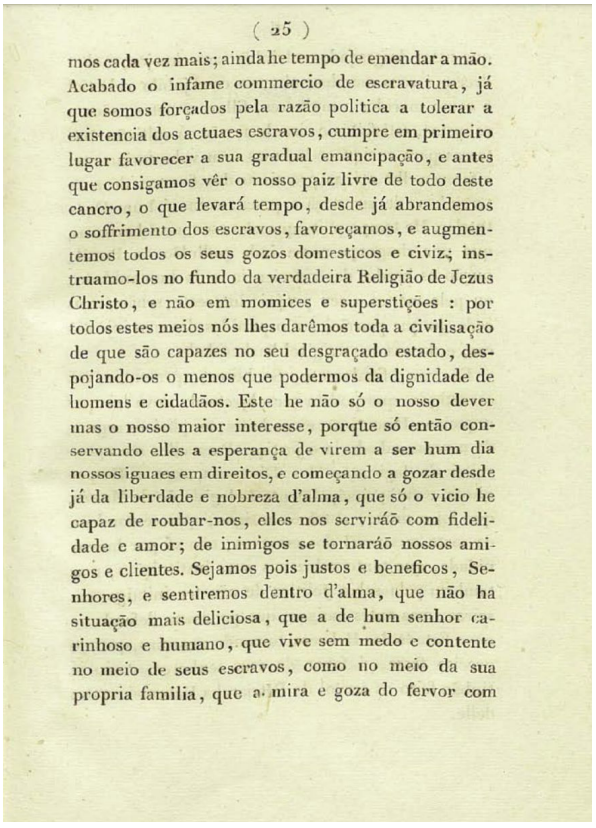
DEPUTADO Á DITA ASSEMBLEA PELA PROVINCIA DE S. PAULO.

PARIS.

NA TYPOGRAPHIA DE FIRMIN DIDOT,

IMPRESSOR D'EL-REI, RUA JACOB, N.° 24.

M DCCC XXV.



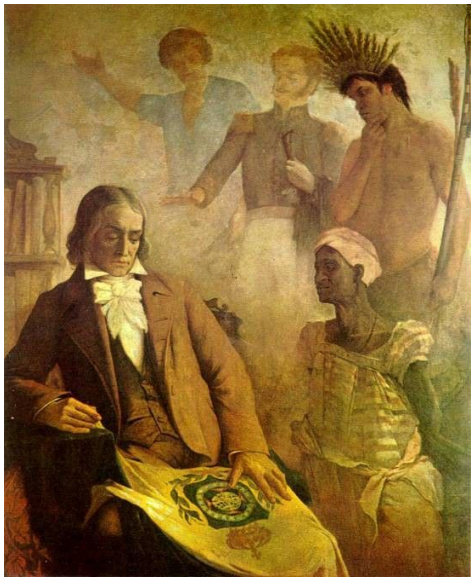
(25)

mos cada vez mais; ainda he tempo de emendar a mão. Acabado o infame commercio de escravatura, já que somos forçados pela razão politica a tolerar a existencia dos actuaes escravos, cumpre em primeiro lugar favorecer a sua gradual emancipação, e antes que consigamos vêr o nosso paiz livre de todo deste cancro, o que levará tempo, desde já abrandemos o soffrimento dos escravos, favoreçamos, e augmentemos todos os seus gozos domesticos e civiz; instruamo-los no fundo da verdadeira Religião de Jezus Christo, e não em momices e superstições : por todos estes meios nós lhes darêmos toda a civilisação de que são capazes no seu desgraçado estado, despojando-os o menos que podermos da dignidade de homens e cidadãos. Este he não só o nosso dever mas o nosso maior interesse, porque só então conservando elles a esperança de virem a ser hum dia nossos iguaes em direitos, e começando a gozar desde já da liberdade e nobreza d'alma, que só o vicio he capaz de roubar-nos, elles nos serviráõ com fidelidade e amor; de inimigos se tornaráõ nossos amigos e clientes. Sejamos pois justos e beneficos, Senhores, e sentiremos dentro d'alma, que não ha situação mais deliciosa, que a de hum senhor carinhoso e humano, que vive sem medo e contente no meio de seus escravos, como no meio da sua propria familia, que admira e goza do fervor com

"O mal está feito, senhores, mas não o aumentemos cada vez mais; ainda é tempo de emendar a mão. Acabado o infame comércio de escravatura, já que somos forçados pela razão política a tolerar a existência dos atuais escravos, cumpre em primeiro lugar favorecer a sua gradual emancipação, e antes que consigamos ver o nosso país livre de todo deste cancro, o que levará tempo, desde já abrandemos o sofrimento dos escravos, favoreçamos, e aumentemos, todos os seus gozos domésticos e civis;..."

ANDRADA E SILVA, José Bonifácio, *Representação à Assembléia Nacional Constituinte do Império do Brasil sobre a Escravatura* (1823), p. 25. O documento completo está disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518681/000022940.pdf?sequence=7&isAllowed=y. Acesso em: 09/06/2020.

A *Representação* sobre a escravidão foi apresentada à Assembleia Nacional Constituinte, em 1823, quando Bonifácio ocupava o posto de Deputado na Constituinte pela Província de São Paulo. No texto, Bonifácio comparava a escravidão a um câncer que impedia o desenvolvimento nacional e defendia a sua abolição. Com um grande porém: tanto a abolição da escravidão quanto a emancipação dos escravizados deveriam ocorrer de forma lenta e gradual. Além disso, o político preconizava que as relações entre senhores e escravos fossem mediadas pelo Estado, sendo os senhores vigiados para que tratassem os escravos como homens e não como brutos animais. O poder público seria o responsável por julgar e punir escravos infratores. Vários artigos do documento regulamentavam as condições de trabalho dos escravizados, restringiam a exploração de menores e de mulheres, delimitavam a jornada diária, além de determinar que os senhores fornecessem alimentação e vestuário adequados. Era necessário, segundo Bonifácio, dotar os escravizados "de toda a civilização de que são capazes em seu desgraçado estado", o que implicaria instruí-los na "verdadeira religião de Jesus Cristo, e não em momices e superstições". Além de um dever, afirmava o deputado, as medidas eram do interesse das elites imperiais porque "só então conservando eles a esperança de virem a ser um dia nossos iguais em direitos, e começando a gozar desde já da liberdade e nobreza d'alma, [...] eles nos servirão com fidelidade e amor; de inimigos se tornarão nossos amigos e clientes". Afinal, as numerosas revoltas de escravizados significavam insegurança para os senhores e prejuízo aos seus negócios, e as elites do Brasil temiam seriamente o fantasma da Revolução Haitiana (1791-1804).



A fundação da Pátria (1900), Eduardo de Sá.

A fundação da Pátria (1900) retrata José Bonifácio como o grande estadista do Brasil Império. No colo, a bandeira da Monarquia, regime que ele defendia. Ao seu redor, a figura de dom Pedro I ressalta o papel que Bonifácio teria desempenhado no processo de Independência do Brasil. Além de dom Pedro, que representa o elemento branco, estão uma mulher negra e um indígena e, de forma mais difusa ao fundo, um quarto elemento, símbolo da integração e da miscigenação defendidas por Bonifácio em seu projeto de Nação.

José Bonifácio e a questão indígena

Em seus *Apontamentos para a Civilização dos Índios Bravos do Império do Brasil*, José Bonifácio apresentava um programa de integração dos indígenas à sociedade nacional: "Vou tratar do modo de catequizar, e aldear os índios bravos do Brasil: matéria esta de suma importância, mas ao mesmo tempo de grandes dificuldades na sua execução". Ele acreditava que a referida integração se daria por meio da mestiçagem, possibilitando o surgimento de uma nova raça e a criação de uma cultura comum, na qual prevaleceria o elemento branco, visto por ele como elemento civilizador. Para isso o governo deveria "favorecer por todos os meios possíveis os casamentos entre índios, brancos e homens de cor". Tratou-se, então, de um projeto que visava à aculturação da população negra e indígena, considerada não civilizada e, portanto, inferior. Bonifácio, a esse respeito, pensava o cristianismo como religião "verdadeira" e considerava as religiosidades de matrizes africanas e indígenas como "momices e superstições", como foi visto anteriormente em sua *Representação à Assembléia Nacional Constituinte do Império do Brasil sobre a Escravatura*.

Monumentos

Os trechos, a seguir, apresentam uma reflexão sobre monumentos, história e memória. É possível acessar os artigos completos clicando nos links abaixo de cada trecho.

"O monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação. [...] Desde a Antiguidade romana o *monumentum* tende a especializar-se em dois sentidos: 1) uma obra comemorativa de arquitetura ou de escultura: arco de triunfo, coluna, troféu, pórtico, etc.; 2) um monumento funerário destinado a perpetuar a recordação de uma pessoa no domínio em que a memória é particularmente valorizada: a morte. O monumento tem como características: 1) sua ligação ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva); 2) reenviar [remeter] a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos".

LE GOFF, Jacques. "Documento/Monumento" *in: História e Memória*, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990, n.p. Disponível em: http://ahr.upf.br/download/TextoJacquesLeGoff2.pdf. Acesso em: 10/06/2020.

"Os lugares da memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios

fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. [...] Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles [os lugares da memória] envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória".

NORA, Pierre. "Entre memória e história: a problemática dos lugares", *in: Les lieux de mémoire. I La Republique*, Paris: Gallimard, 1984. Trad. Yara Aun Khoury, p. 13. Disponível em: http://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101/8763. Acesso em: 15/06/2020.

Entrevista: 'José Bonifácio não era esse luminar que o passado ecoou', diz autora de biografia

Em "As vidas de José Bonifácio" (Estação Brasil), a escritora e historiadora **Mary del Priore**, de 66 anos, desconstrói o mito de "Herói da Pátria" e "Patriarca da Independência" associado ao político, cientista, poeta e advogado paulista que foi ministro de D. Pedro I e idealizador das primeiras instituições políticas do país. Com mais de 40 livros no currículo, Mary se debruçou sobre o passado de José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838) e traz novas visões para ideias cristalizadas por historiadores desde o fim dos anos 1920 e início dos anos 1930, após o centenário da Independência.

O Globo: "As vidas de José Bonifácio" desconstrói o mito do heroico "Patriarca da Independência", do homem de ciências, do grande mentor intelectual de D. Pedro I...

MDP: Primeiro, desconstrução não é destruição. Nos últimos dez anos, as biografias procuram não mais dar vitaminas, nem animar heróis. Elas buscam apontar homens de carne e osso, pessoas com problemas e dificuldades. E mostrar que personagens e suas histórias são modelados por seu tempo e não só por características pessoais — ou fica muito ao sabor da subjetividade.

O Globo: De que forma acha que o tempo moldou a figura de José Bonifácio?

MDP: Ele teve uma existência entre a Europa e o Brasil. Essa característica permite enxergar o Brasil de longe. Dá uma dimensão de como o brasileiro é visto na Europa. Essa troca de olhares me parece riquíssima. Quando ele sai de Santos, aos 14 anos, deixa uma colônia adormecida e sonolenta, para chegar a uma Europa em fogo — com a Revolução Francesa, as Guerras Napoleônicas... Quando

ele faz o trajeto inverso, mais de 30 anos depois, deixa uma Europa relativamente estabilizada, e vai encontrar um Brasil em fogo.

O Globo: Como define a trajetória dele?

MDP: Eu diria que José Bonifácio é uma figura pouco conhecida. Fala-se muito e conhece-se pouco. A trajetória dele foi morna. Longe de integrar essa constelação de estrelas, de fazer parte da Royal Society ou da Sociedade Filomática, que eram o máximo na área das ciências à época, ele passa muito ao largo de tudo. Vários biógrafos diziam que ele falava muitas línguas, mas, com exceção do inglês, era raso em outras. Enfim, não era esse luminar que a historiografia dos anos 1920 e 1930 procurava ecoar.

O Globo: De onde vem, então, a ideia do "Patriarca da Independência"?

MDP: No livro, exploro bastante o tema da construção da autoimagem. Em 1823, o José Bonifácio funda um jornal, "O Tamoyo", e se autoentrevista. Ele se intitula o "Velho do Rocio", e as perguntas todas são feitas no sentido de explicar por que foi destituído do ministério do Reino e dos Negócios Estrangeiros por D. Pedro I mesmo tendo lutado tanto pela Independência. Graças ao "Tamoyo" e a outro jornal, ele consegue construir essa imagem do "Patriarca da Independência". Que é retomada em 1922, no centenário da Independência, e vai ser ratificada por historiadores do período. Todo mundo embarca no patriarca, mas quem inventa o título é ele mesmo, o José Bonifácio.

O Globo: O livro deixa transparecer, também, um homem muito ressentido...

MDB: Ele tem um ressentimento, um azedume, um ódio de tudo que aconteceu, das escolhas que fez ao longo da vida. No fim, aquele homem político não consegue mais dialogar com seu tempo porque suas ideias estão ultrapassadas. É o que acontece quando ele tenta fazer a restauração de D. Pedro I, nos anos 1830, e vê que está completamente fora da realidade. Esse novo Portugal, que é como chamavam o Brasil, para onde ele vem, é um Portugal de gente moça, jovem. Os novos políticos são homens moços, a quem ele não tem mais nada a dizer. Não é mais reconhecido na rua, não é aclamado.

O Globo: Bonifácio tinha vários irmãos, entre eles Antônio Carlos e Martim Francisco, também retratados no livro. Como era a família?

MDP: O José Bonifácio era autoritário, resolvia tudo na paulada. Antônio Carlos também era agressivo (foi acusado de matar um desafeto a facadas), Martim Francisco era mais maquiavélico. Ou seja, uma verdadeira matilha. Eles agiam como lobos. Trabalhavam juntos o tempo todo para manterem o poder. A imprensa, em geral, vivia batendo neles e chamava o José Bonifácio de "Paxá Bonifácio". Há um governador de São Paulo que os acusa de delinquentes, porque são arruaceiros e truculentos. O (político independentista) Cipriano Barata acusa sistematicamente os três irmãos de serem ditatoriais, piores do que o famigerado Marquês de Pombal.

O Globo: Se fosse hoje, quem poderia ser José Bonifácio?

MDP: É difícil comparar com um personagem hodierno. Até porque, a julgar pela qualificação intelectual dos nossos políticos, o José Bonifácio, pelo menos, estudou na Universidade de Coimbra, viajou, não era monoglota. O paralelo que cabe é com o país. Na época, o Brasil era dividido em províncias, com agendas muito particulares. Cada lugar desses, tal como hoje, tinha uma elite política e econômica, com seus próprios planos. Eis aí o Congresso que não consegue votar nada, porque no Acre querem uma coisa e no Mato Grosso do Sul querem outra. Essas divergências internas sempre foram uma característica do Brasil.

O Globo, 23 de março 2019. Disponível em: https://oglobo.globo.com/cultura/livros/jose-bonifacio-nao-era-esse-luminar-que-passado-ecoou-diz-autora-de-biografia-23544141. Acesso em: 23/06/2019.

1) Monumento aos Andradas

Monumento aos Andradas, Praça da Independência (Gonzaga, Santos - SP). Fonte: Assembleia Legislativa do estado de São Paulo. https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=279322

Localizado no bairro do Gonzaga, em Santos, o *Monumento aos Andradas* foi originalmente projetado para a praça José Bonifácio, no centro da cidade. O local escolhido para sua instalação, entretanto, foi a extinta Praça Marechal Deodoro, que passou a se chamar Praça da Independência em janeiro de 1922. A construção desse monumento inseriu-se no esforço paulista de criar uma memória regionalizada, pondo em destaque o papel de São Paulo e dos paulistas na separação do Brasil de Portugal, na Proclamação

da Independência e na construção da própria identidade nacional. Por isso, o monumento homenageia José Bonifácio e seus irmãos, Martim Francisco Ribeiro de Andrada e Antônio Carlos Ribeiro de Andrada e Silva, construindo uma memória sobre a sua participação em todo esse processo histórico.

A pedra fundamental da homenagem aos Andradas foi lançada em 22 de agosto de 1921, com a presença do presidente da República Epitácio Pessoa e do governador Washington Luís. Já a inauguração ocorreu em 7 de setembro de 1922, ocasião em que se comemorou o centenário da Independência. Hoje, a Praça da Independência é um dos pontos mais significativos de Santos, concentrando manifestações populares, eventos e uma grande movimentação de santistas e visitantes devido ao comércio ali existente.

De autoria do escultor Antonio Sartori, o monumento, que é todo em granito, com figuras e ornamentos de bronze, destaca os elementos étnicos que formam o povo brasileiro e os fatos primordiais da Independência. Nele, os irmãos Andradas estão trajados de acordo com os cargos que cada um ocupava na época da proclamação: José Bonifácio, com a farda de Primeiro Ministro; Martim Francisco, com o uniforme de Coronel de engenheiros e Antônio Carlos, com a toga de Magistrado.

2) *Pantheon* dos Andradas

Imagem 2A
A portaria do antigo Convento do Carmo, onde está localizado o Pantheon dos Andradas.

Imagem 2B

Imagem 2C
Pantheon dos Andradas, na antiga portaria do Convento do Carmo (Centro, Santos - SP).
Fonte: Juicy Santos

Pantheon dos Andradas, na antiga portaria do Convento do Carmo (Centro, Santos - SP. Fonte: Turismo Santos https://www.turismosantos.com.br/?q=pt-br/node/79

Jazigo das cinzas de José Bonifácio e de seus irmãos, além do padre Patrício Manuel, o *pantheon* foi inaugurado em 7 de setembro de 1923 na esteira do centenário da Independência, celebrado um ano antes. A palavra pantheon, de origem francesa, significa monumento consagrado à memória dos grandes homens de uma nação, revelando a intencionalidade por trás da construção desse monumento: valorizar as memórias dos irmãos Andradas e sua atuação no processo de Independência. O templo cívico ocupa o espaço da antiga portaria do Convento do Carmo (Imagem 2A), contando com monumento projetado pelo escultor Rodolfo Bernardelli e produzido na Itália.

A estátua jacente, em relevo, de José Bonifácio encontra-se no centro do salão principal – sob ela, em duas caixas de aço, está grande parte de seus restos mortais (Imagem 2C). Durante 31 anos, o corpo ficou sepultado na nave do altar-mor da Igreja do Convento do Carmo, sem nenhuma identificação mais significativa. Até 1850, era costume enterrar dentro das igrejas os homens de maior prestígio, como nobres e bispos, enquanto escravos eram enterrados em valas comuns ao lado de fora.

Em 1869, o artista circense Antônio Carlos do Carmo descobriu o túmulo e obteve autorização para colocar uma laje de mármore enaltecendo o santista. Confeccionadas em mármore branco, à esquerda e à direita do monumento de Bonifácio estão, respectivamente, as urnas funerárias de Antônio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva e de Martim Francisco Ribeiro de Andrada, cada uma delas iluminada por um pequeno lustre pendente de vidros coloridos (Imagem 2B). Cada lustre é preso a duas correntes que formam um triângulo invertido, um dos símbolos da Maçonaria, da qual faziam parte os irmãos Andradas.

No espaço em estilo colonial, com colunas inspiradas nas lojas maçônicas e iluminação indireta, projeto do engenheiro

santista Roberto Simonsen, há ainda oito painéis de bronze em baixo-relevo que descrevem cenas da história do Brasil, além de inscrições de frases dos irmãos Andradas (Imagem 2C).

3) Praça dos Andradas

Praça dos Andradas, no Centro de Santos - SP.

O edifício da antiga Casa de Câmara e Cadeia, atualmente conhecida como Cadeia Velha, está localizado na Praça dos Andradas.

Em 1865, estava para ser finalizada a longa obra da nova Casa de Câmara e Cadeia de Santos, iniciada trinta anos antes. O largo

da Cadeia Nova, como era conhecido até então, viria a abrigar um importante centro de poder da cidade e recebeu algumas benfeitorias, passando a ser chamado de Praça *do Andrada*, em referência à família de José Bonifácio, visto como patriarca da Independência. Ao longo do tempo, o local foi rebatizado pela população santista, passando a ser conhecido como Praça dos Andradas.

4) Palácio José Bonifácio - Prefeitura de Santos

Fachada do Palácio José Bonifácio, sede da Prefeitura Municipal de Santos.

Sala Princesa Isabel - Palácio José Bonifácio.

Salão Nobre - Palácio José Bonifácio.

Sede da prefeitura, o Palácio José Bonifácio foi construído no período áureo do café e é uma das poucas edificações públicas do estado de São Paulo que mantém a estrutura original e a maior parte da decoração preservada. Inaugurado em janeiro de 1939, o imóvel tem estilo arquitetônico eclético, com predominância do neoclássico, e é repleto de simbolismos que remetem ao passado filosófico e à importância histórica de José Bonifácio de Andrada e Silva. Imagens dos deuses romanos Minerva (Palas Atenas, na mitologia grega) e Mercúrio (Hermes) encontram-se à entrada do prédio, ladeando a escadaria. A primeira, símbolo da sabedoria, ciência e arte, encontra-se à direita de quem entra no prédio. À esquerda, está a representação do deus do comércio. Elas foram confeccionadas em granito por José Baptista Ferri, que as doou à municipalidade em 1941.

A Sala Princesa Isabel, que de 1948 a junho de 2011 abrigou sessões e eventos da Câmara Municipal, está repleta de referências a uma leitura da história brasileira e são um prato cheio para que os estudantes construam conhecimento histórico por meio da discussão das obras e dos assuntos previamente abordados em sala. Acima da bancada da Mesa Diretora, por exemplo, encontra-se o quadro de Ângelo Cantú retratando a Princesa Isabel, sob o título 'A Redentora'. Essa obra pode ser uma boa oportunidade para discutir o papel da princesa na abolição da escravidão - redentora? - e contrapô-lo à atuação do movimento abolicionista e da agência dos próprios escravizados na construção de seus destinos. Nas laterais, sobre as portas de acesso à sala de espera, dois quadros de Mimi Alfaia: à esquerda, Martim Afonso de Souza e sua expedição pela Ilha de Santo Amaro, e, à direita, o Forte de São João da Barra. Na entrada da sala, à direita, há uma imagem de Martim Afonso de Souza, fundador da Vila de São Vicente e, do outro lado, a de Braz Cubas, fundador da Vila de Santos, ambas assinadas por R. Mertig. Ele também é o autor das pinturas nas paredes que retratam os transportes marítimo e ferroviário,

que representam o porto e a economia; a agricultura, a deusa Minerva e a indústria.

O Salão Nobre apresenta decoração no estilo do monarca absolutista Luís XVI e em 1992 recebeu o nome de Esmeraldo Tarquínio de Campos Filho, eleito prefeito em 1968 e cassado pela ditadura militar antes de tomar posse. A discussão sobre este personagem, que também dá nome a uma das escolas de Santos, e o contexto em que ele viveu e teve seus direitos políticos cassados é de fundamental importância para o conhecimento sobre a história da cidade, em particular, e do país.

5) A Casa da família Andrada

1

2

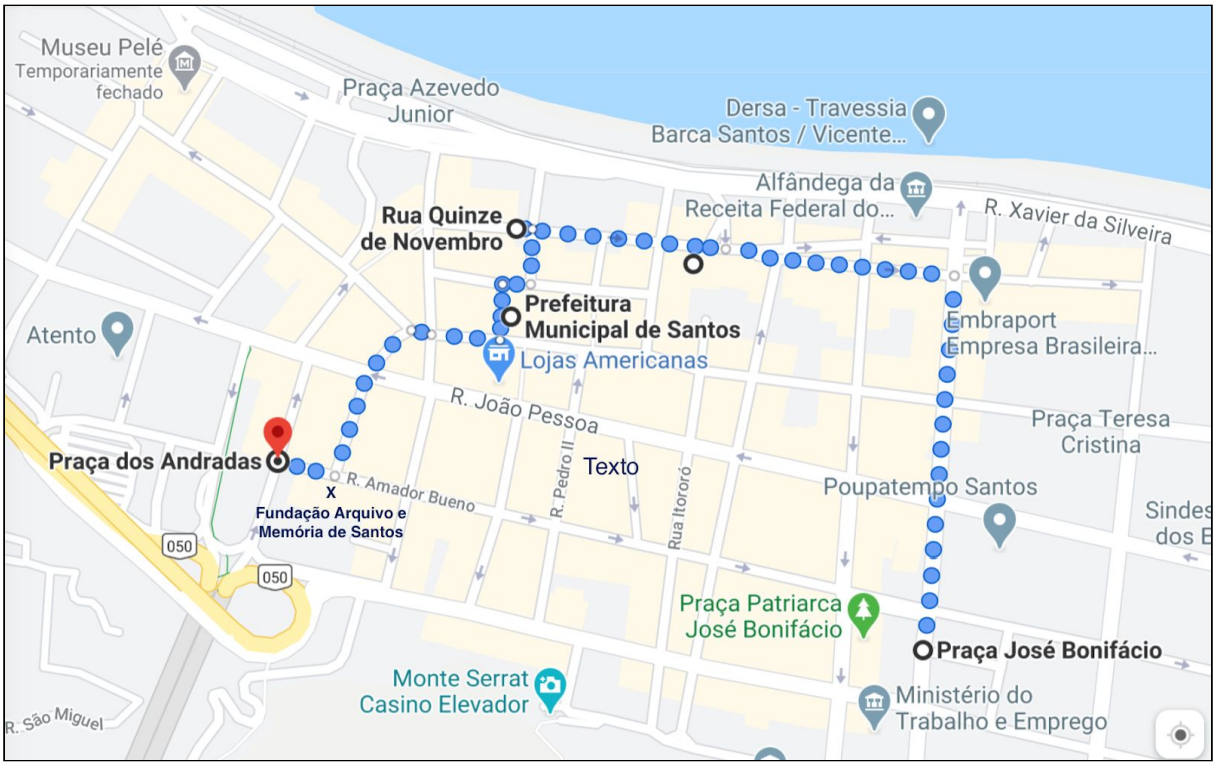
(1) Fotografia de 1888 mostrando a casa onde teria nascido e vivido José Bonifácio. Ao centro da imagem, é possível ver a lápide instalada naquele ano, durante as comemorações do 13 de maio, onde se lia: "Esta é a casa em que nasceu e morreu o patriarca da independência - José Bonifácio de Andrada e Silva. Nasceu aos 13 de junho de 1763. Faleceu a 6 de abril de 1838". Na década de 1830, quando Bonifácio nasceu, o endereço da casa era Rua Direita, nº 29. O edifício foi posteriormente modificado e sediou o Banco do Comércio e Indústria de São Paulo. Seu endereço atual é Rua XV de Novembro, nº 109.

Fonte: https://www.novomilenio.inf.br/santos/h0184z05.htm#casa. Acesso em: 16/06/2020.

Fundação Arquivo e Memória de Santos (FAMS)

Clique na imagem ao lado para consultar o material sobre José Bonifácio produzido pela FAMS. Ou acesse: http://www.fundasantos.org.br/page.php?250

Roteiro Histórico / Estudo do Meio



PROFESSOR: *é possível visitar os lugares e monumentos discutidos até aqui por meio de um roteiro de estudos pelo Centro de Santos (confira o trajeto a seguir). A caminhada entre os pontos de visitação tem cerca de 1,5 quilômetros. Entre várias possibilidades, sugere-se a saída da* ***Praça José Bonifácio,*** *passando em seguida pela Praça Barão do Rio Branco, onde está localizado o* ***Pantheon dos Andradas.*** *Em seguida, a* ***Rua XV de Novembro,*** *antiga Rua Direita, oferece uma oportunidade de observação dos diversos edifícios históricos e sua arquitetura, entre os quais está aquele que teria sido o local de nascimento e residência de Bonifácio, no atual número 109. O roteiro segue para o* ***Palácio José Bonifácio,*** *localizado na Praça Mauá e termina*

*na **Praça dos Andradas**. É possível incluir ainda a visita à **Fundação Arquivo e Memória de Santos** (FAMS), onde os estudantes poderão conhecer um pouco do acervo iconográfico, cartográfico e documental da instituição, além de outros patrimônios da cidade, como a **Bolsa do Café**, a **Igreja de Nossa Senhora do Rosário** e a **Cadeia Velha**. Durante o ensino remoto, você pode fazer um tour virtual com seus alunos, usando o Google Meet e o Google Street View, um recurso do Google Maps.*

PROFESSOR: *as referências, a seguir, relacionam os materiais pesquisados para a construção desta atividade e podem dar suporte ao estudo e ao aprofundamento dos assuntos que ela aborda. Além disso, há entre eles diversos vídeos, entrevistas, notícias, documentos, artigos, etc., que podem subsidiar a produção de novas sequências didáticas, dinamizar e enriquecer as aulas e, ainda, complementar as atividades do próprio material, visando a garantir aos estudantes o desenvolvimento das habilidades e competências previstas no Currículo Santista.*

REFERÊNCIAS

ANDRADA E SILVA, José Bonifácio. *Projetos para o Brasil*. Cia. das Letras, 1998.

CASTRO, Therezinha. *José Bonifácio e a unidade nacional*. Ed. Biblioteca do Exército, 1984.

DEL PRIORE, Mary. *As vidas de José Bonifácio*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

FUNDAÇÃO ARQUIVO E MEMÓRIA DE SANTOS. *Empoderando a Sociedade do Conhecimento: José Bonifácio através dos Documentos*. 4ª Semana Nacional dos Arquivos. Disponível em: http://www.fundasantos.org.br/e107_files/public/expojoboni.pdf. Acesso em: 10/06/2020.

José Bonifácio de Andrada e Silva. Disponível em: https://escola.britannica.com.br/artigo/Jos%C3%A9-Bonif%C3%A1cio-de-Andrada-e-Silva/483063. Acesso em: 09/06/2020.

José Bonifácio de Andrada e Silva. Disponível em: http://mapa.an.gov.br/index.php/publicacoes/70-assuntos/producao/publicacoes-2/biografias/431-jose-bonifacio-de-andrada-e-silva. Acesso: 09/06/2020.

José Bonifácio de Andrade e Silva: Há 256 anos nascia o Patriarca da Independência do Brasil. Disponível em: https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/jose-bonifacio-de-andrade-e-silva-ha-256-anos-nascia-o-patriarca-da-independencia.phtml. Acesso: 09/06/2020.

José Bonifácio. Disponível em: http://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo02/jose_bonifacio.html. Acesso em: 09/06/2020.

"José Bonifácio não foi nenhum pioneiro, diz historiadora Mary Del Priore". Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5DM6LnOfrFE. Acesso: 09/06/2020.

"Mary Del Priore desmistifica José Bonifácio como o intelectual da colônia". Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/05/mary-del-priore-desmistifica-jose-bonifacio-como-o-intelectual-da-colonia.shtml. Acesso: 09/06/2020.

Mary Del Priore, *As vidas de José Bonifácio*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gL9NurXDYuA. Acesso: 09/06/2020.

MOTA, Carlos Guilherme. *José Bonifácio: criador da sociedade civil nos trópicos*. Imprensa Oficial, 2006.

O movimento abolicionista em Santos

UNIDADE TEMÁTICA
O Brasil no século XIX.
OBJETO DE CONHECIMENTO
O escravismo no Brasil do século XIX: plantations e revoltas de escravizados, abolicionismo e políticas migratórias no Brasil Imperial.
HABILIDADE
(EF08HI19C) Identificar o protagonismo regional no processo de abolição da escravidão: irmandades, imprensa, associações abolicionistas, entre outros.

Esta atividade possibilita aos estudantes conhecerem algumas das organizações e alguns dos sujeitos envolvidos na luta abolicionista em âmbito local, bem como as estratégias empregadas para concretizarem seus objetivos. Em razão da escassez e fragmentação dos materiais disponíveis sobre o assunto, foram sistematizados, na seção "Material de apoio", alguns textos sobre o tema visando a fornecer subsídios para a elaboração de outros instrumentos. Além desses, foram indicadas outras referências, como livros, artigos e reportagens. As atividades no material do aluno são sugestões. Você pode e deve adaptá-las ao seu contexto escolar.

PROFESSOR: *você pode transformar os questionários em um Google Formulário. Essa ferramenta permite criar questões de múltipla escolha, questões discursivas, avaliações em escala numérica, entre outras opções. Pode ser uma alternativa interessante ao uso dos cadernos, especialmente durante o ensino remoto. Além disso, a ferramenta facilitará o envio das tarefas e pode motivar os estudantes a realizá-las.*

Gabarito

Atividade 1.

a. Quintino de Lacerda, a principal liderança do Quilombo do Jabaquara e o primeiro vereador negro da cidade. O monumento está localizado no bairro do Jabaquara, na confluência das avenidas Cláudio Luís da Costa, Engenheiro Luiz La Scala Jr. e Francisco Manoel, em frente ao hospital Santa Casa de Misericórdia de Santos.

b. A fotografia retrata casas do Quilombo do Jabaquara e foi tirada pelo fotógrafo J. Marques Pereira, provavelmente no final do século XIX. Foi publicada no jornal A Tribuna em 1939.

Atividade 2.

a. Os textos são anúncios de jornal produzidos pelos senhores de escravos, na segunda metade do século XIX, quando as fugas dos cativos se intensificaram.

b. A publicação de anúncios era uma iniciativa dos donos de escravos fugitivos visando a recapturá-los. Nesse sentido, as características dos cativos estão descritas para ajudar a identificá-los, uma vez que nesse período as fotografias ainda eram um recurso pouco disponível.

c. Os anúncios mencionam falta de dentes na boca, falta de dedos nas mãos, arrastar de pernas, o que pode indicar o tratamento precário dispensado aos cativos, bem como o emprego de castigos físicos pelos senhores como punição por supostos delitos.

d. Todas as fugas ocorreram na província de São Paulo, onde se concentrava a maior parte dos escravizados naquele momento.

e. Os donos dos escravos fugidos prometeram recompensas em dinheiro aos que capturassem e devolvessem seus escravos e, aos que os ajudassem a fugir, prometiam recorrer à legislação, já que essa prática era considerada crime.

f. Resposta pessoal. A ideia é que os estudantes comecem a questionar se havia na sociedade pessoas e grupos interessados em libertar escravos e abolir a escravidão. Nesse sentido, os próximos itens da atividade introduzem o movimento abolicionista, particularmente em Santos.

Atividade 3.

A Sociedade Emancipadora 27 de fevereiro

a. O objetivo da 27 de Fevereiro era libertar todos os escravos de Santos.

b. O jornal *O Diário de Santos*, editado pelo abolicionista santista Rubim César.

c. A 27 de Fevereiro promovia eventos artísticos no Teatro Guarany, ocasião em que concedia, diante do público presente, alforrias aos escravizados.

d. A diretoria da 27 de Fevereiro aproveitou a sexta-feira santa, feriado católico, para apelar à religiosidade dos donos de escravos e pedir que alforriassem seus cativos em honra àquele importante feriado.

Os Caifazes

a. Os Caifazes formavam um grupo, dentro do movimento abolicionista, que atuava na década de 1880 organizando, fomentando e dando apoio a fugas de escravizados.

b. Os escravizados fugiam de cidades no interior da província de São Paulo e eram escoltados até Santos com a ajuda de uma rede de apoio formada pelos caifazes e os abolicionistas santistas.

c. Trecho 1: apesar da liderança de um membro da elite paulista, os caifazes eram formados em sua maioria por tipógrafos, artesãos, pequenos comerciantes e ex-escravos.
Trecho 2: quando chegavam à Serra de Cubatão, os fugitivos eram encaminhados para o Quilombo do Jabaquara por Quintino de Lacerda e seus homens.

Atividade 4. Pesquisa em grupo e produção de um relato de viagem

PROFESSOR: *o objetivo deste item é incorporar, em um relato de viagem fictício, a pesquisa sobre o Quilombo do Jabaquara e o que foi estudado ao longo da atividade. Todas as instruções e procedimentos estão no material do aluno. O roteiro de pesquisa tem como propósito levantar informações para subsidiar a construção do relato. Você pode modificá-lo, acrescentando ou subtraindo temas, conforme julgar adequado à realidade das suas turmas e à proposta da atividade.*

Os relatos deverão estar de acordo com o conhecimento histórico produzido sobre o período. Assim, os grupos devem usar a imaginação e a criatividade, porém nos limites do que seria historicamente possível para um sujeito na Santos do final do século XIX. Desse modo, os estudos sobre o abolicionismo, a pesquisa sobre o Quilombo do Jabaquara e o conhecimento prévio serão fundamentais para repertoriar os grupos na produção dos textos.

Durante a socialização dos resultados de cada grupo, pode ser interessante fazer intervenções e discutir alguns trechos com toda a turma, de forma a contribuir com o processo de aprendizagem.

Há diversas possibilidades para a socialização dos relatos. Uma delas é compilar os materiais em um caderno virtual, usando como ferramenta o blog, ou em um mural virtual, utilizando o padlet. Outra forma é realizar uma roda virtual de leitura, usando o Google Meet. Dentro de cada uma de suas turmas do Google Sala de Aula, é possível criar uma sala do Meet para reunir-se remotamente com os alunos.

Você pode consultar no espaço Conect@ Educador outras ferramentas interessantes para dinamizar as atividades no ensino remoto. Para isso, acesse a página do Centro Virtual Darcy Ribeiro, utilizando o login e a senha da escola onde você atua.

Material de apoio

A abolição da escravidão, em 13 de maio de 1888, não foi uma mera dádiva da Princesa Isabel, mas o resultado de um longo processo de lutas contra a escravidão no Brasil, o último país a aboli-la nas Américas. Entre outros aspectos, a iniciativa dos próprios escravizados em busca da liberdade foi um dos elementos mais importantes. Suas ações incluíam diversas estratégias como fugas, revoltas, formação de quilombos, ações judiciais, compras de cartas de alforria, entre outras.

Como resposta a esse protagonismo, a partir da década de 1870, formava-se na sociedade brasileira um movimento abolicionista, que incluía não somente negros escravizados, libertos e livres, mas também cidadãos brancos. Compunha-se de irmandades religiosas, associações, jornais e diversos indivíduos que teciam redes de apoio aos fugitivos. Havia diferentes estratégias de atuação e posicionamentos políticos divergentes: monarquistas, republicanos, os que defendiam não haver necessidade de participação dos escravos no processo de abolição e os que viam essa participação como essencial.

Assim, a cidade de Santos foi um grande reduto abolicionista e contou com iniciativas que questionavam a escravidão, anteriores ao surgimento do movimento abolicionista, como foi o caso da *Representação sobre a escravatura*, apresentada pelo santista José Bonifácio de Andrada e Silva, em 1823, durante a Assembleia Geral Constituinte.

No documento, Bonifácio propunha a extinção gradual da escravidão e elaborava uma série de medidas destinadas a "abrandar" o sofrimento da população escravizada. De acordo com o memorialista Francisco Martins dos Santos, houve ainda outros

"precursores" do movimento abolicionista na cidade, como Xavier da Silveira, Luiz Gama, Antonio Bento, Francisco Martins dos Santos, Alexandre Martins Rodrigues, Luiz Ernesto Xavier, Augusto Fomm, Hyppólito da Silva, Padre Francisco Gonçalves Barroso, Sacramento Macuco, Antonio Manoel Fernandes, João Otávio dos Santos, Joaquim Xavier Pinheiro.

Na segunda metade do século XIX, os escravos existentes em Santos não se destinavam ao trabalho nas grandes lavouras. A economia da cidade centrava-se no comércio e nos serviços, e as atividades agrícolas eram pouco relevantes. Desse modo, desvinculada dos interesses dos grandes proprietários de terras, Santos emergiu como um polo de oposição ao escravismo, com o surgimento de uma rede de apoio às iniciativas que visavam abolir a escravidão. Nesse sentido, o que houve em Santos, principalmente a partir dos anos 1870, foi uma grande movimentação popular contra a escravidão. Muitos cidadãos alforriaram seus escravos ou deram abrigo a escravos fugidos em suas terras e casas, tornando a cidade conhecida por seu acolhimento.

Dona Francisca Amalia de Assis Faria teria sido a primeira mulher a se mobilizar pela causa da libertação dos escravos, recebendo negros fugidos em seu quintal, que se tornaria um "pequeno quilombo". Além dela, a santista Anna Benvinda da Silva Bueno teria fundado em São Paulo, em 1870, a sociedade *A Emancipadora*, destinada a alforriar moças escravizadas. Em 1878, a *Sociedade Portuguesa de Beneficência D. Pedro V* fundou o Hospital da Sociedade Portuguesa de Beneficência, instituição que defendia e praticava o abolicionismo.

Em consequência a tudo o que estava acontecendo, no começo de 1887, o presidente da província paulista mandou um telegrama ao Governo Imperial dizendo ser "impossível conter a evasão dos escravos porque os soldados tinham feito causa comum com os abolicionistas", favorecendo a passagem dos fugitivos para a cidade de Santos. Talvez ele estivesse se referindo a episódios como o de Pai Adão, um escravo que teria conduzido cerca de 300 cativos fugidos até Santos em 1883. Perseguidos pelos capitães-do-mato, ao chegarem à ponte do Casqueiro, em Cubatão, que dava acesso a Santos, foram cercados pela polícia. Conta a lenda que um sargento ajudou na fuga, permitindo-lhes que tomassem as embarcações dos abolicionistas estacionadas sob a ponte.

Por fim, embora existisse na cidade um grande repúdio à escravidão, não havia consenso. Transações de compra e venda de escravos envolvendo vereadores do município ocorreram após 1886, mesmo no auge do abolicionismo local.

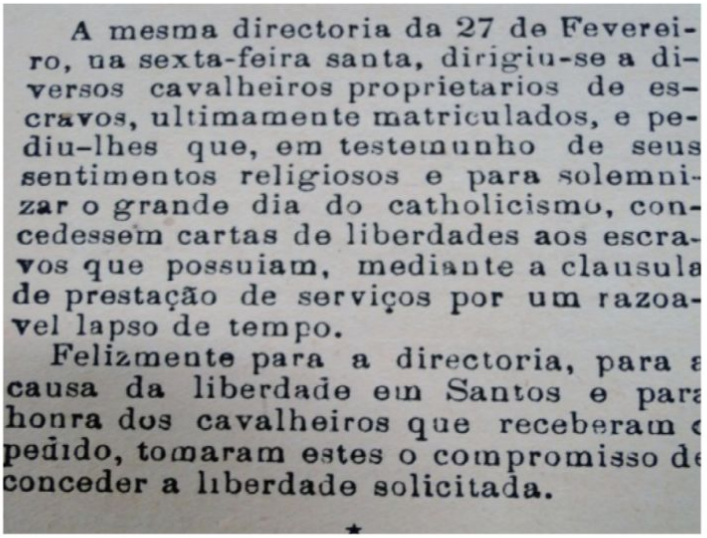
A Sociedade Emancipadora 27 de fevereiro

No dia 27 de fevereiro de 1886, o movimento abolicionista em Santos ganhou especial projeção quando uma Audiência Pública Extraordinária, realizada na Câmara Municipal, libertou escravos com mais de 60 anos em cumprimento à Lei Saraiva-Cotegipe, de 1885, conhecida como Lei dos Sexagenários. O ato gerou comemorações e motivou que diversos senhores libertassem seus escravos, totalizando 61 alforrias naquele dia. Na mesma data, foi fundada, por Xavier Pinheiro e outros santistas, uma sociedade emancipadora, denominada 27 de fevereiro, "[...] que com vigor impulsione o abolicionismo nesta cidade que mais do que em qualquer outra provincia, conta grande numero de partidários"(sic). A Sociedade Emancipadora 27 de fevereiro buscava consolidar-se como "[...] uma corporação que bem póde obter a gloria de emancipar o municipio de Santos" (sic) do escravismo.

A 27 de fevereiro organizava-se em reuniões convocadas através do *Diário de Santos*, um jornal dirigido pelo abolicionista Rubim César. Nessas ocasiões, os membros da Sociedade elaboravam estratégias de atuação, principalmente a busca de recursos financeiros para possibilitar a compra de alforrias, de modo a extinguir o trabalho escravo em Santos. No dia 14 de março, para demonstrar o êxito da empreitada, a Sociedade Emancipadora 27 de fevereiro promoveu um evento no Teatro Guarany, onde libertou doze escravos diante de duas mil pessoas na plateia.

A atuação da Sociedade e sua propaganda na imprensa conquistavam a adesão de outros sujeitos à causa abolicionista. Em 30 de outubro de 1886, vários advogados tornaram pública, por meio de anúncio no *Diário de Santos*, a decisão coletiva de não mais patrocinar quaisquer causas contrárias à libertação dos escravos a partir daquele dia.

Em 1 e 2 de outubro de 1886, estimaram-se 237 escravos em Santos, de acordo com levantamento feito à época por João Guerra. Em 30 de março de 1887, esse número teria sido reduzido a 51, como resultado da atuação da *Sociedade Emancipadora*. A entidade, contudo, não se deu por satisfeita e movimentou-se para angariar mais recursos à sua ação. Demandou contribuição financeira a uma entidade recreativa denominada *Violeta*, bem como ao *Club XV*, além de colocar à venda duzentos exemplares de um discurso proferido por Ruy Barbosa. Em abril:



A mesma directoria da 27 de Fevereiro, na sexta-feira santa, dirigiu-se a diversos cavalheiros proprietarios de escravos, ultimamente matriculados, e pediu-lhes que, em testemunho de seus sentimentos religiosos e para solemnizar o grande dia do catholicismo, concedessem cartas de liberdades aos escravos que possuiam, mediante a clausula de prestação de serviços por um razoavel lapso de tempo.

Felizmente para a directoria, para a causa da liberdade em Santos e para honra dos cavalheiros que receberam o pedido, tomaram estes o compromisso de conceder a liberdade solicitada.

Diário de Santos, 10 de abril de 1887.

Em 27 de fevereiro de 1888, dois anos após sua fundação, a *Sociedade Emancipadora* teria conseguido seu objetivo, a saber, libertar até o último escravo existente em Santos. Nesse dia, em uma grande festa, a entidade entregou as últimas sete cartas de alforria concedidas pelos senhores de escravos da cidade. A partir daí, Santos foi considerada livre de cativos, mas não da legislação, que só seria revogada pouco mais de dois meses depois pela Lei Áurea.

Os Caifazes

Um dos exemplos do abolicionismo popular foi o grupo Os Caifazes, cujos membros se organizaram na província de São Paulo após 1880. Desde a morte de Luís Gama, em 1882, os caifazes eram liderados pelo rico advogado paulista Antônio Bento de Souza e Castro e foram os principais responsáveis pelas fugas dos escravizados na província de São Paulo.

Apesar da liderança de um membro da elite paulista, os caifazes eram formados em sua maioria por tipógrafos, artesãos, pequenos comerciantes e ex-escravos, que constituíram redes de solidariedade para garantir a saída dos escravos das fazendas e sua inserção no mundo do trabalho. É de se destacar a atuação do caifaz Antônio Paciência, que ficou notabilizado, no interior de São Paulo, pela organização e planejamento de fugas.

As redes incluíam desde os chamados "cometas", caixeiros-viajantes que se deslocavam pelo interior paulista e estimulavam as fugas em suas passagens pelas fazendas, quanto os trabalhadores das ferrovias, que possibilitavam o transporte dos escravos fugidos. Assim, as ferrovias que foram construídas para aumentar a produtividade e a riqueza da cafeicultura baseada no

trabalho escravo auxiliaram na luta contra a escravidão ao garantirem o veículo de fuga para os cativos.

Uma vez concretizada a fuga, os egressos eram escoltados pelos caifazes até um ponto seguro e de lá seguiam para áreas indicadas pelo movimento de proteção, de onde eram encaminhados para os quilombos. O Sítio da Ressaca, localizado no atual bairro do Jabaquara, na cidade de São Paulo, pode ter funcionado como um desses pontos seguros em que os escravizados fugidos do interior de São Paulo paravam para descansar (No final do século XIX, a região ficava em meio à mata e é possível que o sítio estivesse abandonado, permitindo que fosse utilizado como um "quilombo de transição" para os fugitivos). Dali, eles seguiam até a cidade de Santos pelas linhas férreas ou a pé por estradas nas proximidades, como a Calçada do Lorena.

A rede abolicionista de apoio e proteção indicava o melhor horário e o caminho mais adequado para a descida da Serra do Mar. Além disso, para evitar que os evadidos caíssem nas mãos dos capitães do mato, havia um sistema de senhas que monitorava a chegada dos escravos fugidos. Quando estes já estavam em Santos, passavam por um túnel subterrâneo que ia do Valongo, na região central da cidade, até a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, que fica na atual Rua João Pessoa, também no Centro. No local, esperavam anoitecer e depois continuavam em direção a algum dos quilombos.

Os quilombos de Santos

O maior e mais conhecido quilombo de Santos chamou-se Jabaquara e teria sido formado, em 1882, por iniciativa de Joaquim Xavier Pinheiro, que reuniu diversos abolicionistas santistas para discutir a criação de um reduto fora da cidade para receber as centenas de negros fugidos da província de São Paulo. Isso permitiria evitar que eles ficassem escondidos em porões, quintais e outros locais particulares e dificultaria a ação dos capitães do mato.

O Quilombo do Jabaquara era comandado pelo liberto Quintino de Lacerda - personagem que servia de elo entre os quilombolas e os abolicionistas da cidade - e ficava situado atrás da atual Santa Casa de Misericórdia estendendo-se até a encosta do morro, no trecho hoje compreendido entre o Túnel Rubens Ferreira Martins e a subida do Morro da Nova Cintra. Era composto por por casas de madeira ligadas entre si e por um grande barracão, onde também havia um armazém. No pátio comum, em frente ao terreiro, aconteciam as reuniões para descanso e festas.

Os quilombolas também mantinham cultivo de gêneros agrícolas para subsistência e exerciam alguns ofícios na cidade. O Quilombo

do Jabaquara mantinha comunicação com o centro de Santos e seus quilombolas vendiam para os abolicionistas e comerciantes da cidade as mercadorias nele produzidas.

O Quilombo do Pai Felipe ficava perto do Quilombo do Jabaquara, nas encostas do Monte Serrat, próximo ao atual bairro Vila Mathias. Pai Felipe teria sido o líder de um bando de escravos fugidos do Engenho Nossa Senhora das Neves, situado na atual Área continental de Santos. O Quilombo ficava no meio de um bambuzal, onde negros de diferentes origens na África dançavam ao som de atabaques, pandeiros, chocalhos e cantos.

O Quilombo do Garrafão recebeu esse nome em homenagem ao português José Theodoro Santos Pereira, conhecido como Santos Garrafão, que vivia maritalmente com a ex-escrava Brandina, dona de uma pensão na Rua Setentrional, ao lado do atual prédio da Alfândega, no Centro. Santos Pereira ajudou a manter o Quilombo do Jabaquara e comunicava aos abolicionistas a descida de escravos fugidos pela Serra do Mar. O Quilombo do Garrafão ficava onde está hoje a Praça Antonio Teles, no Centro Histórico.

Jornal *O Abolicionista* - órgão da sociedade brasileira contra a escravidão, 1 de novembro de 1880(Rio de Janeiro).
http://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=230812

O abolicionismo e a imprensa

De 1881 a 1888, início da fase de ação dos abolicionistas de Santos e São Paulo, com a fundação da Bohemia Abolicionista (agremiação da juventude santista organizada por Guilherme e Pedro de Mello, Francisco Bastos, Antonio Augusto Bastos, Antonio Couto Arthur Andrada, Anthero Cintra, Luciano Pupo e Eugênio Wansuit, aos quais se juntaram depois Paulo Eduardo, José Vaz Pinto de Mello Júnior, Brasílio Monteiro, Joaquim Montenegro e outros) surgiram três órgãos manuscritos: *O Embryão*, *O Porvir* e *O Pirata*, cujo tipógrafo era Jacob Schalap, um menino de Santa Catarina, de letra muito bonita e muito dedicado à causa.

Logo depois, vieram os jornais impressos *O Alvor* e *O Piratiny*, ambos de Guilherme de Mello, folhas de combate e propaganda, redigidas por ele, Arthur Andrade, "o fundibulário imberbe", como chamavam a esse jornalista de 16 anos, e Vicente de Carvalho. Além desses, *O Patriota*, sob a direção de Felix Carneiro, e *A Idéa Nova*, de Constantino Mesquita, ambos com a colaboração de Cândido de Carvalho, Alberto Sousa, Rubim César, Augusto Fomm, Francisco Martins dos Santos Júnior, Theóphilo de Arruda Mendes, Gastão Bousquet e Vicente de Carvalho, que, incansavelmente trabalhava para todas as folhas locais, zurzindo monarquistas e escravocratas.

Pouco depois surgia *A Procellária*, com Júlio Ribeiro à frente. Ele era o gramático, o filólogo, o escritor, o abolicionista-republicano que, nascido em Minas, ilustrou a terra santista e nela descansou. Em fins do ano de 1883, aparecia ainda *O Popular*, com Antonio Manoel Fernandes em sua direção,

Fonte: https://www.novomilenio.inf.br/santos/h0318a.htm, Acesso: 30/06/2020.

A Bohemia Abolicionista de Santos

Fazia também um ano que se fundara a Bohemia Abolicionista, valente agremiação da juventude local, organizada por Francisco Bastos, Antonio Augusto Bastos, Guilherme Mello, Pedro Mello, Antonio Couto, Arthur Andrade, Anthero Cintra, Luciano Pupo e Eugênio Wansuit, aos quais se juntaram, depois, Paulo Eduardo, José Vaz Pinto de Mello Júnior, Brasílio Monteiro, Joaquim Montenegro e outros.

Com ela surgira a publicidade violenta abolicionista-republicana, primeiro d'*O Embryão*, d'*O Porvir* e d'*O Pirata*, órgãos revolucionários, manuscritos, e depois das folhas de combate já então impressas: *O Alvor, O Piratiny, O Patriota e A Idéa Nova*, as duas primeiras redigidas por Guilherme Mello, Antonio Augusto Bastos e Arthur Andrade, *O Patriota*, por Felix Carneiro, e *A Idéa Nova,* por Constantino Mesquita, com a colaboração de Cândido de Carvalho e Alberto Sousa.

A Bohemia Abolicionista reunia toda a mocidade de Santos e existiu durante oito anos, desde 1881 até 1888, quando extinguiu-se com a realização do ideal que gerara. Nunca teve uma organização regular para não perder talvez o caráter de rapaziada. Às vezes tinha diretoria pelo espaço de meses, outras vezes funcionava sem ela tempos inteiros; as suas reuniões, porém, eram diárias e se realizavam ora nos bancos dos jardins, ora em um prédio na esquina do velho Largo do Rosário, residência, naquela época, dos pais de Guilherme e Pedro de Mello, integrantes principais do grêmio, e por isso mesmo muitas vezes impedido pela polícia, por ordem da chefia de São Paulo. Essa organização foi um dos mais belos aspectos da grande campanha santista.

No quarto desses rapazes ou nos aludidos bancos, por impedimento daquele ponto de reunião, debatiam-se as mais graves questões políticas e sociais dessa época. Eram discussões acaloradas sobre abolicionismo, política e religião, travadas como em plenário da Câmara, com debates e interrupções.

Dentre esses moços idealistas, sobressaía um, mais velho que os demais, com trinta e alguns anos, mas com aparência de vinte e poucos, pernambucano, quase preto, que falava muito, em toda a

parte, sem o menor rebuço ou respeito às conveniências, fazendo um comício em cada ponto onde parava, em contínuo e absoluto desprezo à vida, não deixando escravocrata em paz, fosse de posição elevada ou fosse da classe média - era Eugênio Wansuit. Fora Imperial Marinheiro da Armada, na guerra do Paraguai, com a idade de 18 anos, e por isso, talvez, perdera a noção do perigo.

Fonte: https://www.novomilenio.inf.br/santos/h0313a.htm, Acesso: 30/06/2020.

PROFESSOR: *as referências, a seguir, relacionam os materiais pesquisados para a construção desta atividade e podem dar suporte ao estudo e ao aprofundamento dos assuntos que ela aborda. Além disso, há entre eles diversos vídeos, entrevistas, notícias, documentos, artigos, etc., que podem subsidiar a produção de novas sequências didáticas, dinamizar e enriquecer as aulas e, ainda, complementar as atividades do próprio material, visando a garantir aos estudantes o desenvolvimento das habilidades e competências previstas no Currículo Santista.*

REFERÊNCIAS

BIBLIOTECA NACIONAL, *Para um história do negro no Brasil, Rio de Janeiro: 1888*, Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon1104317/icon1104317.pdf, Acesso: 29/06/2020.

Caifazes e o abolicionismo popular, https://brasilescola.uol.com.br/historiab/caifazes-abolicionismo-popular.htm, Acesso: 26/06/2020.

DIAS, Vera Lúcia Alba Reis. "Uma associação abolicionista na cidade de Santos: Sociedade Emancipadora 27 de Fevereiro - 1886", *Anais Eletrônicos do XXII Encontro Estadual de História da ANPUH - SP*, Santos, 2014, Disponível em: http://www.encontro2014.sp.anpuh.org/resources/anais/29/1406590705_ARQUIVO_VeraLuciaAlbaReiDiastextocompleto.pdf, Acesso: 24/06/2020.

Diário do Litoral, 13 de maio de 2017, Disponível em: https://www.diariodolitoral.com.br/cotidiano/13-de-maio-a-rota-e-a-vida-dos-escravos-fugidos-para-santos/99128/, Acesso: 25/06/2020.

MACHADO, Maria Helena, *O Plano e o Pânico: Os Movimentos Sociais na Década da Abolição*. Rio de Janeiro: Editora EFRJ, EDUSP, 1994.

PEREIRA, Marcelo Seva, *Uma viagem possível? da escravidão à cidadania: Quintino de Lacerda e as possibilidades de integração dos ex-escravos no Brasil*. Dissertação (Mestrado) Niterói: UFF, 2011. Disponível em: https://www.historia.uff.br/stricto/td/1488.pdf, Acesso: 29/06/2020.

ROSEMBERG, André, *Processos Sociais e Justiça em Santos, na Década de 1880 – O abolicionismo e o caso do Jabaquara*, Disponível em: http://docplayer.com.br/78787153-Processos-sociais-e-justica-em-santos-na-decada-de-1880-o-abolicionismo-e-o-caso-do-jabaquara.html, Acesso: 29/06/2020.

Sociedade Emancipadora liberta escravos no Teatro Guarany, http://memoriasantista.com.br/?p=1534#:~:text=Santos%20era%20reconhecida%20nacionalmente%20como,e%20descarregando%20caf%C3%A9%20nos%20trapiches, Acesso: 25/06/2020.

Povos indígenas da Baixada Santista: a aldeia Tabaçu Reko Ypy

UNIDADE TEMÁTICA
O Brasil no século XIX.
OBJETO DE CONHECIMENTO
Políticas de extermínio do indígena durante o Império.
HABILIDADE
(EF08HI21B) Reconhecer os grupos indígenas e caiçaras da Baixada Santista, suas demandas atuais.

Essa atividade possibilita aos estudantes conhecerem uma das diversas aldeias na Terra Indígena Piaçaguera, localizada entre os municípios de Itanhaém e Peruíbe. A tekoá (aldeia) Tabaçu Reko Ypy surgiu a partir de uma dissidência em uma das aldeias da TI Piaçaguera. Estudá-la possibilita perceber a heterogeneidade dos grupos indígenas e identificar as divergências e demandas que motivaram a fundação de uma nova aldeia naquela área. A Tabaçu Reko Ypy tem uma organização social muito particular, que visa principalmente à preservação e ao fortalecimento da cultura guarani. Os estudantes poderão, ainda, identificar a noção de autodeterminação, presente na Declaração da ONU sobre Direitos dos Povos Indígenas, e pensá-la a partir do caso da aldeia Tabaçu Reko Ypy.

PROFESSOR: *nos materiais de referência, há links para um vídeo produzido durante visita de estudantes à Aldeia Tabaçu Reko Ypy ("Programa Cultura Indígena – Visita à Aldeia Tabaçu Reko Ypy em Peruíbe", partes 1, 2 e 3). Você pode selecionar trechos complementares ao texto do material do estudante.*
A página da aldeia no Facebook também é bastante ativa e pode ser mais uma forma de aproximar os estudantes do cotidiano indígena, proporcionando a interação com aquela população, especialmente em tempos de pandemia.
Após a conclusão dessa atividade, que tal tentar articular um bate-papo via Google Meet entre uma liderança da aldeia e as turmas para as quais você leciona? Além do contato via Facebook, é possível tentar organizar o encontro enviando um e-mail para vivaokatur@gmail.com

Gabarito

PROFESSOR: *você pode transformar as perguntas dessa atividade em um Google Formulário. Essa ferramenta permite criar questões de*

múltipla escolha, questões discursivas, avaliações em escala numérica, entre outras opções. Pode ser uma alternativa interessante ao uso dos cadernos, especialmente durante o ensino remoto. Além disso, a ferramenta facilitará o envio das tarefas e pode motivar os estudantes a realizá-las.

Atividade 1. A terra indígena Piaçaguera

a. A TI Piaçaguera está localizada entre Itanhaém e Peruíbe. Mas, de acordo com o mapa, os estudantes podem responder que a terra está em Peruíbe.

b. De acordo com o mapa, há 11 aldeias dentro da TI Piaçaguera.

c. A TI Piaçaguera é ocupada por indígenas Guarani Nhandeva, um subgrupo Guarani.

d. Segundo o Censo de 2010, 350 indígenas viviam na TI Piaçaguera.

e. Entre 2000 e 2010, a população na TI Piaçaguera cresceu de 55 para 350 indivíduos.

Atividade 2. Leitura de texto

Questões sobre o texto

a. A Aldeia Tabaçu Reko Ypy surgiu como uma dissidência de outra aldeia na TI Piaçaguera, cujas lideranças optaram por práticas e formas de organização que não correspondiam aos anseios de uma parte da comunidade. Interessados na manutenção e no fortalecimento de suas tradições, esse grupo fundou uma nova aldeia com seu próprio modo de se organizar social e politicamente.

b. A aldeia está dividida em dois espaços. O primeiro é chamado Aldeia Contemporânea, onde os indígenas recebem turistas e vivenciam tanto a sua cultura quanto a cultura ocidental do "homem branco". O segundo espaço é a Aldeia Tradicional, onde os habitantes dormem e aprendem a viver na natureza e da natureza. É nesse espaço que os indígenas da aldeia mantêm viva e fortalecem as suas tradições.

c. Sim. As terras onde se localiza a Aldeia Tabaçu Reko Ypy se enquadram perfeitamente no que a Constituição define como terras

aptas à demarcação: os indígenas da aldeia vivem, trabalham e geram renda nessas terras, utilizando seus recursos para seu bem-estar e a reprodução de suas vidas e sua cultura.

d. A trajetória dos Tupis-Guaranis de Piaçaguera é marcada por resistência, luta e a busca por viver de acordo com sua cultura em um contexto bastante adverso. O processo de demarcação da Terra Indígena consumiu 16 anos. Em 2002, a Fundação Nacional do Índio (Funai) delimitou a Terra Indígena Piaçaguera com uma área de 2.795 hectares na divisa do Município de Peruíbe com o Município de Itanhaém. A demarcação de Piaçaguera foi homologada pela presidenta Dilma Rousseff em 2016 e registrada em cartório no mesmo ano. Em 2018, a Secretaria do Patrimônio da União finalizou o procedimento de registro e regularização fundiária. Uma grande ameaça à integridade do território indígena é a presença de mais de 100 posseiros que, mesmo após a homologação, ainda não foram retirados pela Funai.

Atividade 3. A Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas

a. O direito à autodeterminação é o direito de decidir livremente sua organização política, buscar o seu desenvolvimento econômico, social e cultural, ter sistemas próprios de educação, saúde, financiamento e resolução de conflitos, entre outros.

b. Sim. O texto traz diversos exemplos de como a aldeia Tabaçu Reko Ypy decide seus próprios rumos. Ela tem sua própria organização social: há dois espaços de convivência com regras específicas em cada um. E conta também com uma organização política peculiar: as lideranças são o cacique e o vice-cacique, que compõem com chefes familiares um Conselho para deliberar sobre questões de interesse coletivo. Esses chefes familiares também são responsáveis por diferentes setores dentro da aldeia, como saúde e educação. A aldeia apoia-se também em leis próprias: os membros que descumprem as regras ficam amarrados a tocos de madeira para pensar em suas ações. Economicamente, a aldeia se organiza em sistema de partilha, dividindo entre todos os recursos das atividades econômicas desenvolvidas no local, como o turismo de base comunitária, os alimentos colhidos nas roças, etc.

Atividade 4. Produção de texto

Resposta pessoal.

PROFESSOR: *as referências, a seguir, relacionam os materiais pesquisados para a construção desta atividade e podem dar suporte ao estudo e ao aprofundamento dos assuntos que ela aborda. Além disso, há entre eles diversos vídeos, entrevistas, notícias, documentos, artigos, etc., que podem subsidiar a produção de novas sequências didáticas, dinamizar e enriquecer as aulas e, ainda, complementar as atividades do próprio material, visando a garantir aos estudantes o desenvolvimento das habilidades e competências previstas no Currículo Santista.*

REFERÊNCIAS

Aldeia Paranapuã realiza o "Kaa Nhemongaraí", cerimônia de batismo de crianças. Será aberta para visitantes. Disponível em: http://ontonrtv.blogspot.com/2016/08/aldeia-paranapua-realiza-o-kaa.html Acesso em: 28/07/2020.

Aldeia Tabaçu Reko Ypy preserva tradição e resistência no Litoral Sul. Disponível em: https://www.diariodolitoral.com.br/cotidiano/aldeia-tabacu-reko-ypy-preserva-tradicao-e-resistencia-no-litoral-sul/124866/ Acesso em: 28/07/2020.

Aldeia Tabaçu Reko Ypy. Disponível em: https://www.facebook.com/aldeia.t.rekoypy/ Acesso em: 28/07/2020.

Aldeia Tekoá Paranapuã: Turismo de Base Comunitária. Disponível em: http://ontonrtv.blogspot.com/2016/08/aldeia-tekoa-paranapua-turismo-de-base.html Acesso em: 28/07/2020.

Audiência Pública na ALESP contra a reintegração de posse na Aldeia Paranapuã. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dfPCl6MtPPM Acesso: 28/07/2020.

A vida dos índios na Baixada Santista, Disponível em: https://www.diariodolitoral.com.br/cotidiano/a-vida-dos-indios-da-baixada-santista/65712/, Acesso: 28/07/2020.

Cacique Alcides fala sobre as terras indígenas, Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ROp2zqkznZ0, Acesso: 28/07/2020.

Como funciona a demarcação?, Disponível em: https://terrasindigenas.org.br/pt-br/demarcacao, Acesso:

28/07/2020.

Coral dos indígenas Guarani Mbyá da aldeia Paranapuã em apresentação durante Audiência Pública contra a Reintegração de Posse, Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=C8R_XzDmrKw, Acesso: 28/07/2020.

Declaração dos Direitos dos Povos Indígenas, Disponível em: http://www.funai.gov.br/arquivos/conteudo/cogedi/pdf/LEGISLACAO_INDIGENISTA/Legislacao-Fundamental/ONU-13-09-2007.pdf, Acesso: 28/07/2020.

Depoimento de Itamirim, Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ESfZgSzWnTA, Acesso: 28/07/2020.

Guarani, Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani, Acesso: 28/07/2020.

Indígenas de São Vicente, SP, protestam contra decisão da Justiça, Disponível em: http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2016/01/indigenas-de-sao-vicente-protestam-contra-decisao-da-justica.html, Acesso: 28/07/2020.

Itamirim, Disponível em: https://revistanove.com.br/nossa-gente/itamirim/, Acesso: 28/07/2020.

Jogos indígenas Guarani Mbya em São Vicente, Disponível em: http://ontonrtv.blogspot.com/2016/04/jogos-indigenas-guarani-mbya-em-sao.html, Acesso: 28/07/2020.

Nossas raízes - as tribos na Baixada Santista, Disponível em: https://www.cidadeecultura.com/tribos-de-indios-da-baixada-santista-litoral-paulista/, Acesso: 28/07/2020.

No dia do índio, Guaranis dizem que a data é de luta e resistência, Disponível em: https://www.diariodolitoral.com.br/cotidiano/no-dia-do-indio-guaranis-dizem-que-a-data-e-de-luta-e-resistencia/98147/, Acesso: 28/07/2020.

Olhar VTV - Índios (Trecho sobre a Aldeia Paranapuã), Disponível em: https://www.youtube.com/embed/jtbScDpvrXw, Acesso: 28/07/2020.

Parque Estadual Xixová-Japuí: encantos e problemas, Disponível em: https://radiodajuventude.milharal.org/2013/02/26/pexj-parque-estadual-xixova-japui-encantos-e-problemas/, Acesso: 28/07/2020.

Programa Cultura Indígena - Visita à Aldeia Tabaçu Reko Ypy em Peruíbe - Parte 1, Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qlGw0j9nwpE, Acesso: 28/07/2020.

Programa Cultura Indígena - Visita à Aldeia Tabaçu Reko Ypy em Peruíbe - Parte 2, Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OLO1wuB4ryo, Acesso: 28/07/2020.

Programa Cultura Indígena - Visita à Aldeia Tabaçu Reko Ypy em Peruíbe - Parte 3, Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MTlniny3ECM, Acesso: 28/07/2020.

Tekoa Mirim, a aldeia mais jovem da Baixada Santista, Disponível em: https://www.diariodolitoral.com.br/cotidiano/tekoa-mirim-a-aldeia-mais-jovem-da-baixada-santista/66011/, Acesso: 28/07/2020.

Terra Indígena Piaçaguera, Disponível em: https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/4130#direitos, Acesso: 28/07/2020.

Terra Indígena Piaçaguera, Disponível em: https://cpisp.org.br/indios-em-sao-paulo/terras-indigenas/terra-indigena-piacaguera/, Acesso: 28/07/2020.

Turismo na Aldeia Tabaçu Reko Ypy, Disponível em: https://revistanove.com.br/turismo-na-regiao/turismo-na-aldeia/, Acesso: 28/07/2020.

Viva Okatur Nhandereko, Disponível em: http://vivaokatur.blogspot.com/?fbclid=IwAR3T00AZvzOvBS4u4Qd05n6-mLRK9kArVRiJsZ_HNnmjrOi9E3V-IJt8ysY, Acesso: 28/07/2020.